

A Arte Atlântica do Monte Faro

I - O projecto e o objecto.

Lara Bacelar Alves e Mário Reis | CEAACP -
Universidade de Coimbra

Na orla norte da Serra do Extremo, bordejando o vale do Minho, duas elevações geminadas preservam um acervo ímpar de gravuras rupestres que se revelou constituir o maior conjunto de Arte Atlântica conhecido até hoje em Portugal (Figs. 1 e 2).





Fig. 1A e 1B - Perfil do cume do Monte Faro visto desde o sítio do Monte da Laje, nas faldas ocidentais do Monte dos Fortes [página ao lado] e encosta ocidental do Monte dos Fortes, onde surge um dos principais núcleos de gravuras rupestres [nesta página].

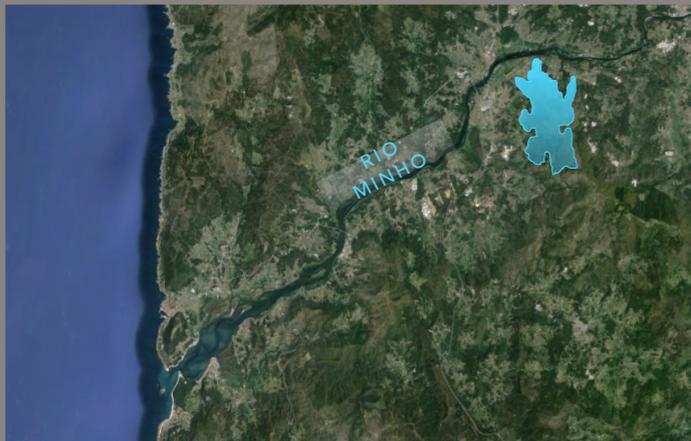
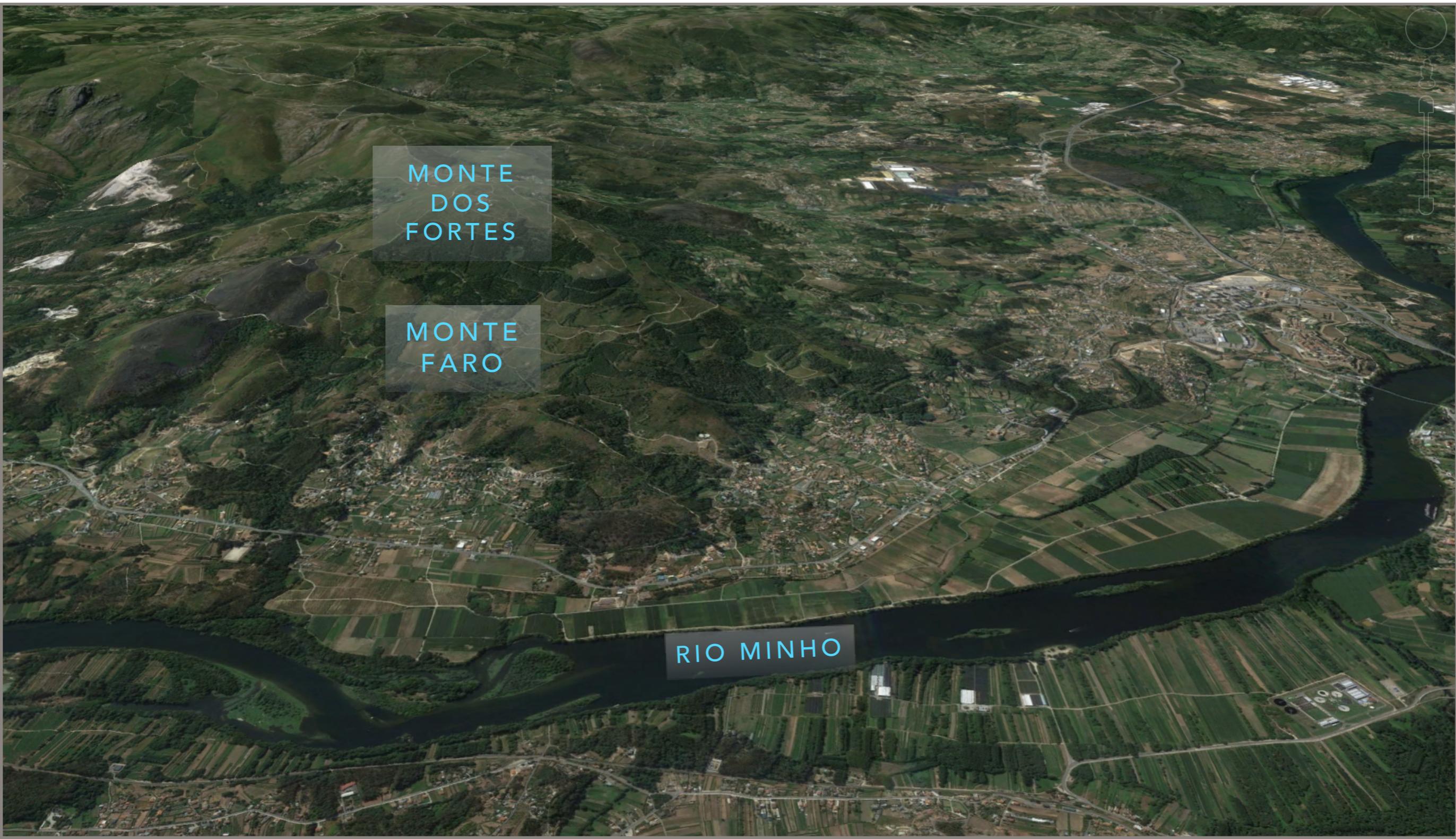


Fig. 2 - Localização da área de estudo em imagem extraída do Google Earth (2016).



ARTE ATLÂNTICA



Tradição artística pré-histórica que se materializa sob a forma de gravuras em afloramentos rochosos ao ar livre situados com frequência em plataformas a meia encosta ou pequenos outeiros, dominando um espaço visual extenso sobre o território. Em termos iconográficos, oferece um repertório de feição essencialmente geométrica-abstracta, privilegiando os motivos de contorno curvilíneo de tipologia muito diversificada: pequenas cavidades circulares (as chamadas 'cavinhas' ou *fossetes*), círculos simples e concêntricos, arcos de círculos, elipses, formas espiraladas, linhas curvas ou onduladas. Tal como a própria designação sugere, esta é uma tradição que se expande pela fachada ocidental europeia, desde o Noroeste peninsular, à Irlanda, norte de Inglaterra e Escócia, com afiliação à região biogeográfica Atlântica (Alves, 2012).

A Arte Atlântica foi considerada, durante praticamente todo o século XX, o *ex libris* da arte rupestre da Idade do Bronze na Galiza, onde ainda é mais conhecida sob o epíteto 'petroglifos gallegos'. Esta cronologia foi cedo atribuída por R. Sobriño ([1935] 2000) e perdurou até à década de 1990 quando se generalizou a aceitação de uma cronologia mais curta, balizada entre os finais do III e inícios do II milénio a.C. (Peña e Rey, 1993). No início dos anos 2000, foi proposta uma origem neolítica e a sua contemporaneidade com o megalitismo no IV^o milénio AC, na sequência de uma investigação assente na análise dialéctica das relações temporais, espaciais e conceptuais entre as diversas tradições artísticas presentes no Noroeste peninsular (Alves, 2003; 2009).



Nos finais dos anos 70 e inícios dos anos 80 do século XX aqui se estudaram e publicaram, sob os auspícios do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (GEAP), três monumentais rochas decoradas (Cunha e Silva, 1980). Entre elas figurava o primeiro sítio português com representações de armas metálicas da Pré-história Recente (1986). A partir de então, tornou-se incontornável a centralidade do Monte Faro e Monte dos Fortes na investigação nacional de arte rupestre.

No entanto, decorreram 30 anos até voltarem a ser alvo de uma investigação circunstanciada com o projecto “As gravuras rupestres da Serra do Extremo no contexto da Arte Atlântica do Alto Minho (Valença, Viana do Castelo).” (2013-2017), dirigido pelos signatários. Nos anos que mediaram entre estas intervenções foram dadas à estampa, na Galiza, descobertas resultantes de prospecções informais por arqueólogos amadores galegos que frequentemente atravessam a fronteira para explorar as encostas da serra. Assim, ao acervo inicial, juntar-se-ia notícia da existência de duas dezenas e meia de ocorrências, descritas de forma sumária e com referências vagas à sua localização (Novoa Álvarez & Sanromán Veiga, 2000). Mais tarde é publicado um artigo monográfico sobre uma rocha com gravuras zoomórficas situada na Quinta da Barreira (Novoa Álvarez & Costas Goberna, 2004).



Fig. 3A e 3B - Aspecto da área prospectada na vertente ocidental do Monte dos Fortes, em 2012, aquando de uma visita preparatória para a concepção do projecto de investigação (em cima) e trabalho de registo preliminar das novas ocorrências no Monte da Laje em 2013 (em baixo).



Fig. 4 - Rocha 1 de São Tomé, na qual é visível uma combinação de círculos concêntricos e um conjunto de covinhas.



As sucessivas campanhas de prospecção arqueológica que decorreram entre 2013 e 2016 permitiram ampliar o acervo para um total de 135 ocorrências, das quais mais de uma centena se enquadram estilisticamente na Arte Atlântica (Alves e Reis, 2017c) (Figs. 3 a 5). Com esta descoberta, Portugal passou a ombrear com as demais regiões da fachada Atlântica europeia onde ocorrem amplas concentrações de rochas gravadas circunscritas a uma unidade geomorfológica -Galiza, Irlanda, Inglaterra e Escócia-, permitindo que se comece a diluir o papel de área periférica que lhe era atribuído (e.g. Alves, 2012).

Identificaram-se todas as tipologias de motivos que caracterizam a Arte Atlântica do Noroeste peninsular: para além da miríade de figuras abstractos, surgem representações de animais e de armas metálicas (Figs. 6 e 7).



Fig. 5A e 5B - Gravura de uma alabarda na rocha 3 de Santo Ovídio (adaptado de modelo 3D processado por Joana Valdez-Tullett), em cima e, em baixo, uma selecção de diversas tipologias de quadrúpedes representadas no acervo do Monte Faro.





Fig. 6 - Foram documentados dois casos de estreita relação espacial entre rochas decoradas com motivos circulares pertencentes à tradição de Arte Atlântica e monumentos sob *tumulus*, uma relação pouco estudada no contexto peninsular. A imagem mostra um dos casos mais evidentes que ocorre na chã da Fonte Volide, uma zona de boas pastagens e fácil acesso na encosta ocidental do Monte dos Fortes. As setas cinzentas assinalam a localização das três mamoas e a seta azul, a localização da rocha 1 deste núcleo, decorada com motivos circulares típicos do repertório da Arte Atlântica. (e.g. Alves e Reis, 2017b, Fig. 5).

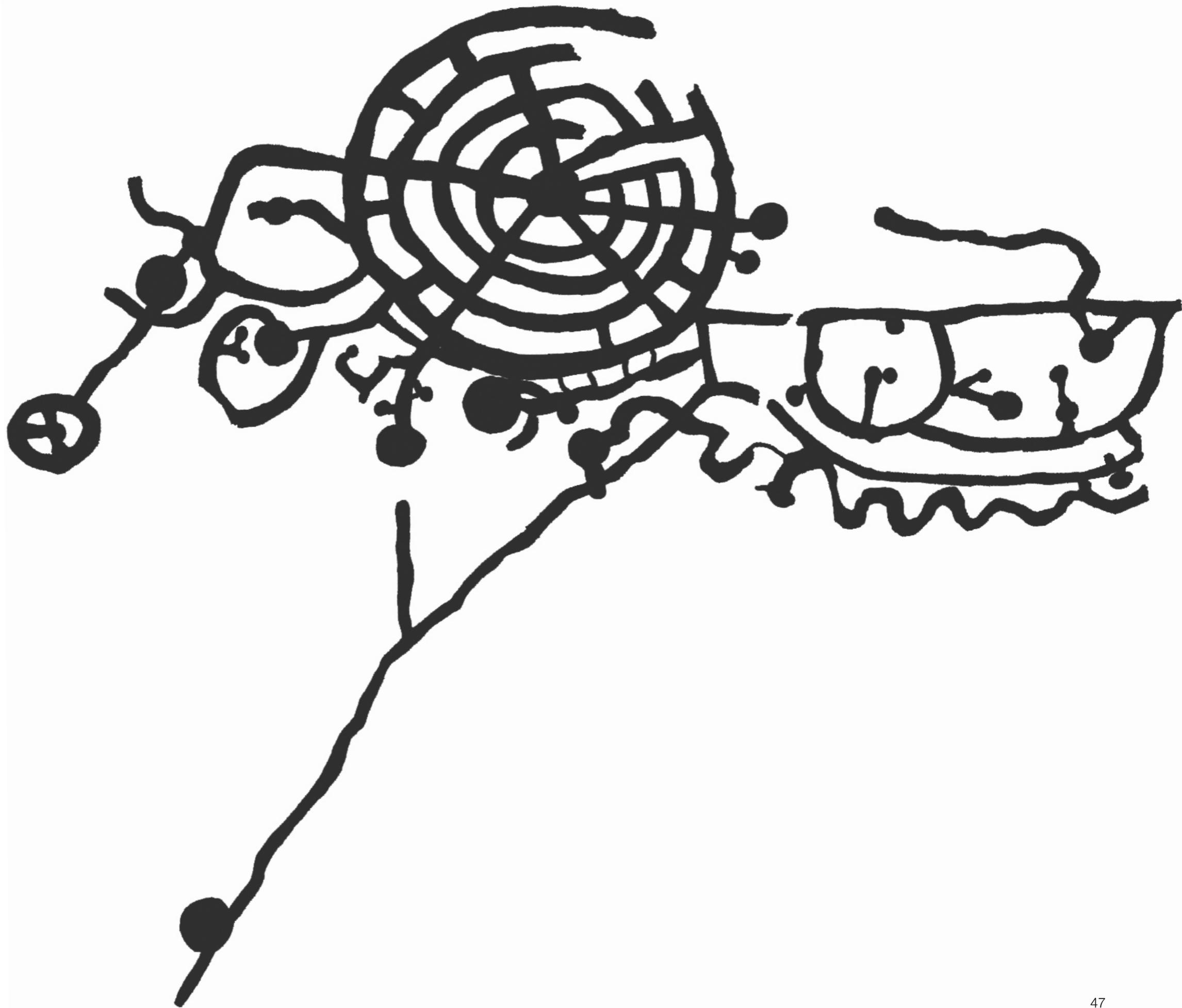
Fig. 7 - Paralelamente foi possível discernir uma relação de proximidade entre arte rupestre e sítios de ocupação cujos poucos vestígios de superfície indiciam a presença de contextos datáveis da Pré-história Recente. Na imagem, o Alto do Escaravelhão, inventariado na base de dados patrimonial 'Endovélco' com o CNS 3220, como 'povoado fortificado'. No terreno é observa-se um possível talude artificial, pouco elevado e muito danificado. Os materiais de superfície são frequentes no topo mas sobretudo na encosta sul. Em torno do cabeço distribui-se um dos principais núcleos de arte rupestre da encosta ocidental do Monte dos Fortes.





No conjunto destas duas elevações vizinhas, a arte revela uma ampla variedade na forma como se adapta ao espaço e se oferece ao olhar. Imponentes superfícies graníticas com composições monumentais convivem com outras, mais modestas e escassamente decoradas (Alves e Reis, 2017c). Algumas rochas gravadas aglomeram-se em amplos conjuntos, outras formam pequenos núcleos, raramente surgindo isoladas.

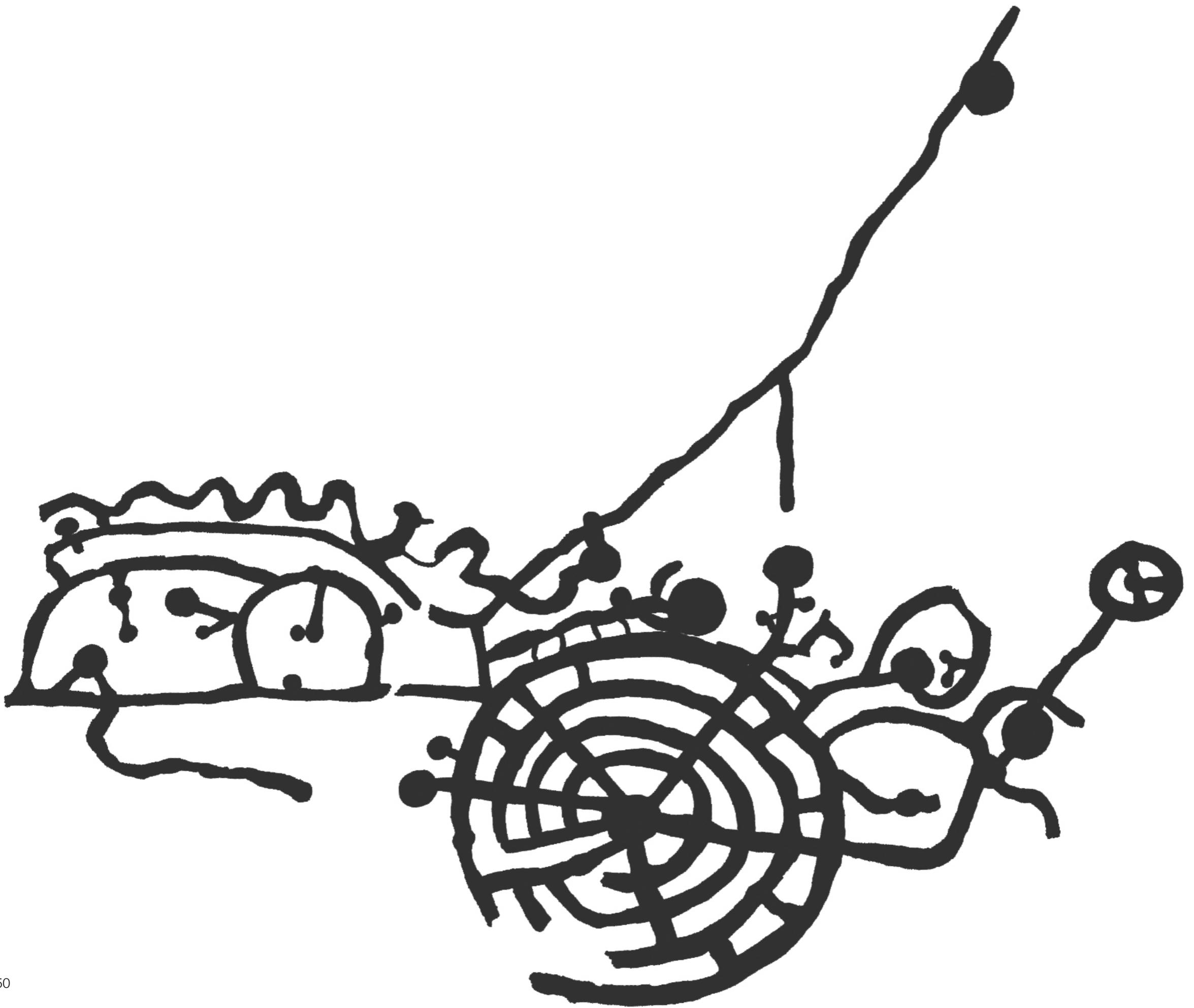
Unem-se como um todo na forma como se adaptam à paisagem e a humanizam, dando-lhe uma coerência que se descobre na comunicabilidade, visual e pedonal, entre os diferentes conjuntos. Uma qualquer rocha decorada neste local não surgiu do acaso ou de circunstância fortuita mas integra-se de forma absolutamente coerente no modelado iconográfico do relevo.







O objecto é a serra, o monumento em si. Elemento escultórico em que a estrutura física inerte é revestida por uma paisagem tatuada por centenas de símbolos gravados, ela própria mediadora entre o imperecível e o espaço da erosão, o espaço da vida sob os elementos, do movimento, do efémero e do contingente.



BIBLIOGRAFIA

Alves, L. B. 2012. The circle, the cross and the limits of abstraction and figuration in north-western Iberian rock art, in A. Cochrane and A. Jones (eds.), *Visualising the Neolithic: abstraction, figuration, performance, representation*. Neolithic Studies Group Seminar Papers 13. Chapter 13. Oxbow Books. Oxford: 198-214

Alves, L. B., Reis, M. 2017a. Tattooed landscapes. A reassessment of Atlantic Art distribution, research methods and chronology in the light of the discovery of a major rock art assemblage at Monte Faro (Valença, Portugal), *Zephyrus*, vol. LXXX, Universidad de Salamanca: 49-67

Alves, L. B., Reis, M. 2017b. As gravuras rupestres do Monte Faro (Valença, Viana do Castelo) – um exemplo maior da Arte Atlântica peninsular, *Portugália*. Nova Série, vol. 38, Porto: 49-86

Alves, L. B., Reis, M. 2017c. O Monte Faro – uma paisagem icónica da Arte Atlântica peninsular, *Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão - Actas do II Congresso da Associação Portuguesa de Arqueólogos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 1017-1031

Cunha, A. L.; Silva, E. J. L. (1980), Gravuras rupestres do Concelho de Valença. Montes dos Fortes (Taião), Tapada do Ozão, Monte da Laje, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Guimarães, pp. 121-131.

Novoa Álvarez, P., Sanromán Veiga, J. (1999), Nuevos Aportes del Arte Rupestre del Norte de Portugal. *Actas del Congreso Internacional de Arte Rupestre Europeu*, Vigo, 1998. CD-ROM

Novoa Álvarez, P., Costas Goberna, F. J. (2004), La fauna en los grabados rupestres de la Ribeira portuguesa del Miño. *Glaucopis*, 10(4), Vigo, pp. 117-204

Silva, E. J. L.; Cunha, A. L. (1986), As gravuras do Monte da Laje (Valença). *Arqueologia*, 13, Porto, GEAP, pp. 143-158

Valdez-Tullett, J. (2019) *Design and connectivity. The case of Atlantic rock art*. Oxford: BAR International series S2932, Archaeology of Prehistoric Art 1.



Anastasia Ax & Lars Siltberg. EXILE. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 19 de Setembro de 2015. (Foto de Joana Alves-Ferreira).



territórios da
arte

